

## CASA GRANDE & SENZALA ENTRE O ‘MAGNÍFICO AO ELOGIO’

Marlon Teixeira de Faria<sup>1</sup>  
Aruanã Antônio dos Passos<sup>2</sup>

**RESUMO:** Aqui o foco da pesquisa consiste em demonstrar panoramicamente as tensões que ocorrem entre os anos de 1929 aos 1930, em que ocorre a publicação de Casa Grande & Senzala. Isso nos aparece como base para compreender determinadas atitudes e/ou posicionamentos que transparece nos argumentos que nos são apresentados na obra de Gilberto Freyre. Nesse momento utilizamos de argumentos de autores que analisam essa obra, emitindo suas críticas e elogios que vão desde a questão teórica à metodológica, o que nos permite ainda mais clareza em sua compreensão. Dessa forma, ao fim, temos uma noção da dimensão em que foi escrita, atravessada por crises, e entender até que ponto ela soa como uma obra (de grande importância) que carrega, ora explícito, ora de forma implícita elogios a colonização portuguesa e a casa grande.

**Palavras-chave:** casa, senzala, revolução.

**ABSTRACT:** Here the focus of the research is to demonstrate panoramically tensions that occur between the years 1929 to 1930, in which occurs the publication of Casa Grande & Senzala. It appears to us as a basis to understand certain attitudes and / or placements that transpires in the arguments that are presented to us in the work of Gilberto Freyre. At that moment we use arguments of authors who analyze the work, sending their criticisms and accolades ranging from the theoretical question the methodology, which allows for even more clarity in their understanding. Thus, at the end, we have an idea of the size it was written, crossed by crises, and understand how far it sounds like a work (very important) charging, sometimes explicit, sometimes implicitly praise the Portuguese colonization and the big house.

**Keywords:** house, senzala, revolution.

### INTRODUÇÃO

É sabido que ao longo dos anos de 1930, no Brasil especificamente, existiu um período de reestruturação político-econômica. Nas palavras de Eric Hobsbawn (2010), a Crise de 1929 provocou efeitos cataclísmicos à economia capitalista. Os países exportadores, em especial, tendo sua estrutura econômica moldada à busca constante de mercados que pudessem absorver suas produções foram os que, aparentemente, sofreram um grande impacto vendo, assim, seus estoques basicamente inalteráveis ao passo em que os gastos com empréstimos feitos já batiam à porta. Esse impacto, no Brasil, juntamente com a crise no acordo entre São Paulo e Minas Gerais cria alianças que, em tese, colocaria fim na estrutura política que vem desde o início dos tempos Republicanos no país. As

---

<sup>1</sup>Especialista em História e Sociedade pela Faculdade Montes Belos. E-mail: [marlon.t.faria@hotmail.com](mailto:marlon.t.faria@hotmail.com)

<sup>2</sup>Docente do curso de História da Universidade Estadual de Goiás (UEG), campus Cora Coralina. Doutorando em História pela Universidade Federal de Goiás (UFG). Email: [aruana.ap@gmail.com](mailto:aruana.ap@gmail.com).

grandes Oligarquias se sentem fraquejar, uma vez que a tendência do Movimento que pôs fim a Primeira República, Revolução de 30, pretende implantar novas formas de controle e desenvolvimento que não estivesse relacionado a elas, mas que passasse a olhar com interesse à Urbanização. Nesse panorama de crise política e econômica no país, não podemos negligenciar as publicações referentes a História do Brasil. Entre os nomes que se destacam podemos mencionar Caio Prado Jr, Sérgio Buarque de Holanda e Gilberto Freyre, sendo esse último o nosso alvo de análise acompanhado de sua obra que é publicada no ano de 1933, Casa Grande & Senzala.

### **PANORAMA DA CRISE DE 1929 E DA REESTRUTURAÇÃO DOS ANOS 1930**

Levando em consideração a situação que se agravava numa escala mundial, pode-se dizer que o ano de 1929 é visto como instante em que os países, capitalista, sofreram quedas em suas economias o que causou reflexo no campo político, gerando então reestruturações. Os que, em especial, eram exportadores sentiram suas estruturas balançarem ao ponto de provocar um caos que chacoalhou, assim, a solidez nacional, o que demonstrou a necessidade de novas posturas nos campos político e econômico. No Brasil, a Crise de 1929, conforme aponta Emília Viotti (1999), provoca certas mudanças no horizonte político e econômico. A República que tinha como suporte de sua organização a economia cafeeira, se vê em meio a duros golpes, que foram, em partes, causadores, de sua ‘desorganização’.

A economia cafeeira, que representava a parcela maior do que proporcionava lucros ao país, vinha de boas expectativas e certezas, o que fez com que os cafeicultores ampliassem ainda mais suas plantações visando lucros cada vez maiores. Entretanto as esperanças das grandes cifras obtidas pelos ‘grãos’ foram frustradas. Segundo Celso Furtado (1998), os anos de 29 marcam, economicamente, um instante inesperado do ponto de vista cafeeiro. Um dilema se instaura e duas crises afloram no horizonte econômico do Brasil. Primeiro, havia grande oferta do produto (deve-se pensar nas sacas de café que estavam estocadas e as que seriam em breve estocadas, ao menos em idéias), além disso, o país iria lidar com essa crise que, provocava um fechamento dos mercados importadores. Então surgia a questão, ‘o que fazer com o café que seria, posteriormente, colhido?’<sup>3</sup>

---

<sup>3</sup>(Como forma complementar, aqui deve ser acrescentado que antes de deflagrar a Crise Econômica de 1929, o Brasil vinha numa crescente diversificação. O Campo ainda mantinha forte influência no País, entretanto

Os anos de 1929 no Brasil foram marcados, também, por abalos no campo político. A sucessão presidencial, ocorrida graças ao acordo São Paulo – Minas Gerais, é desfeita mediante a intenção de Washington Luís, candidato indicado por São Paulo, por apoiar outro paulista para substituí-lo. Graças a essa jogada, novos acordos foram feitos envolvendo líderes de outras regiões, entre elas, Minas Gerais e Rio Grande do Sul, de onde foi indicado, após decisão de algumas coligações, Getúlio Vargas, como candidato a Presidência e João Pessoa, como vice, Fausto (2014).

O resultado da eleição não foi favorável a Getúlio Vargas, no entanto outro fato foi ‘a gota d’água’ para novas tomadas de decisões, o assassinato de seu vice. Nas palavras de Boris Fausto (2014): “A morte de João Pessoa teve grande ressonância e foi explorada politicamente. [...] Os oposicionistas recebiam de presente uma grande arma. Daí em diante, tornou-se mais fácil desenvolver a articulação revolucionária.” (FAUSTO, 2014, p. 180). A partir de então, pode-se dizer que se já existiam os alicerces para a Revolução de 30, a morte de João Pessoa foi tomada como motivação. Mesmo apontando para uma nova perspectiva política e econômica colocando fim à estrutura que se firmava a Primeira República, a Revolução de 1930, segundo Boris Fausto (2014), não provocou rupturas profundas na conjuntura que se encontrava o Brasil. No entanto, um dos pontos a se destacar foi à busca por maior centralização do poder, o que em certos aspectos não excluía, mas questionava a influência regional. E é neste instante que nos voltam, com maior foco, nossa atenção.

Vitoriosa a Revolução, Getúlio Vargas toma posse, de forma provisória, da Presidência da República e a ideia de um Estado forte é colocada em marcha. E isso gera, concomitantemente, a, não total, descentralização do campo de influências das grandes Oligarquias, ao passo em que ações que visam perspectivas de desenvolvimento no campo industrial ganham mais impulso. Sobre as possibilidades de reestruturação política da República, de forma objetiva e panorâmica, Boris Fausto expõe os rumos das principais transformações que ocorreram, e estavam em andamento, no Brasil. Portanto, segundo o autor:

O poder de tipo Oligárquico, baseado nas forças do Estado, perdeu terreno. As Oligarquias não desapareceram, nem o padrão de relações clientelistas deixou de existir. Mas a irradiação agora vinha do centro para a periferia, e

---

movimentos migratórios cresciam e expandiam geograficamente. Isso fez com que a população de São Paulo fosse ligeiramente aumentada, o que significou, numa perspectiva mais ampla, um paulatino processo de Urbanização (levando em consideração a expansão das redes ferroviárias e de pequenos comércios).

não da periferia para o centro. Um novo tipo de Estado após 1930, distinguindo-se do Estado Oligárquico não apenas pela centralização e pelo maior grau de autonomia como também por outros elementos: 1º a atuação econômica, voltada gradativamente para os objetivos de promover a industrialização; 2º a atuação social, tendente a dar algum tipo de proteção aos trabalhadores urbanos, incorporando-os a uma aliança de classes promovida pelo poder estatal; 3º o papel central atribuído as Forças Armadas – em especial o Exército – como suporte da criação de uma indústria de base e como fator de garantia da ordem interna. (FAUSTO, 2014, p. 182).

Essa passagem mesmo sendo feita sem maiores aprofundamentos, além de sintetizar o panorama político e econômico que, concomitantemente, era colocado em atuação, serve nos oferecendo, implicitamente, o entendimento de como esse progresso, que agora tinha como um alvo em potencial as Cidades, podia afetar as Elites Agrárias. Ter noção de como era vista, agora, a posição das grandes Oligarquias (ainda nos anos 30) é interessante a esta pesquisa, pois, a obra e o autor, que estarão em evidencia, estão vinculados ao tempo e ao grupo. Ambos vêm das prosperidades e crises por quais passou o país. Neste contexto, de reorganização política e econômica, pensando os anos da década de 30, principalmente os anos de 1933, ocorre a publicação de Casa Grande & Senzala.

Essa obra, em certos aspectos toma ares de revolucionária, como evidencia Fernando Henrique Cardoso (2013). Nela, Gilberto Freyre tem uma atenção diferenciada com as fontes usadas e com o tratamento delas, de forma que buscar expor ao leitor não só uma espécie de explicação geral da História do Brasil, mais que isso ele insere o leitor na dinâmica do momento em que é narrado. Para tanto é possível notar que durante parte de sua escrita, Casa Grande & Senzala (1963), os argumentos referentes a colonização portuguesa soam como algo que foi realizado mediante as imposições do tempo ao passo em que exalta a figura portuguesa numa espécie de aventura heroica rumo ao desconhecido. Ronaldo Vainfas (1997), em explicitações curtas que dão a entender uma perspectiva metodológica da obra diz que,

[...] trata-se de obra em outros aspectos magnífica, traduzida em vários países, livro precursor no tratamento de temas como religiosidade popular e sexualidade no cotidiano da escravidão colonial, sem falar na sua perspectiva histórico-antropológica totalmente pioneira na década de 1930. (VAINFAS, 1997, p. 237).

Aqui o autor aponta outros campos da obra que são de importante destaque a tal ponto que, a nosso ver, ela pode ser vista como, do ponto de vista da pesquisa, um marco

dos anos de 1930. Vai além das análises econômicas que englobam uma totalidade em suas análises, ao contrário ela parte por olhares ‘micro’. Nesse ponto, isso condiz com os mesmos apontamentos feitos por José Carlos Reis (2007), onde o autor evidencia de forma clara o quanto Casa Grande & Senzala foi uma obra importante se pensado sua abordagem (não excluindo o negro ou o índio), mas demonstrando o quanto foi importante para a cultura brasileira.

No que se refere à abordagem, Freyre (1963) adota uma postura que ele mesmo chamará de ‘Equilíbrio de Antagonismo’. Isso conforme se observa no decorrer da leitura se faz presente todo instante, direta e indiretamente. É assim que ele demonstra a relação entre as ‘raças’, o que mostra que não são tratadas igualmente, mas que por outro lado não são excluídas. Fernando Henrique Cardoso (2013) é outro que, em um texto em que tece análises sobre Gilberto Freyre, estende seus elogios a sua obra. Assim como outros autores que se propõe a fazer uma análise dessa obra, alguns argumentos podem ser semelhantes, como por exemplo, a forma que Freyre escreve, numa espécie de forma leve que pode gerar certa ‘tonalidade macia’ aos ouvidos do leitor. Segundo ele,

Não se trata de obra de algum preguiçoso genial. O livro se deixa ler preguiçosamente, languidamente. Mas isso é outra coisa. É tão bem escrito, tão embalado na atmosfera morna, da descrição, frequentemente idílica que o autor faz para caracteriza o Brasil patriarcal, que leva o leitor no embalo. (CARDOSO, 2013, p. 80)

Portanto, como vemos após tantas grandezas apontadas na obra, nossos olhos devem ser abertos para essa mesma questão. Freyre (1963), através de sua obra consegue apresentar (se puder ser dito, ao mesmo tempo criar) uma imagem de um Brasil que fora mudado graças ao processo de colonização portuguesa (que fica claro ser o mais adequado para o momento) e que tem como molde das relações hierárquicas a estrutura da Casa Grande. No entanto, assim como pretendemos na pesquisa, aqui não será apenas exaltada. Todas as ponderações econômicas e políticas feitas são importantes, pois tem como objetivo demonstrar o momento de sua publicação, e que propiciam a possibilidade de pensar a relação de sua publicação e as consequências dos anos em questão.

## CASA GRANDE & SENZALA, MAGNÍFICA E SAUDOSA

Mediante ao que fora exposto, partimos por uma análise das reflexões de Carlos Guilherme Mota (1994) que, por sua vez, oferece uma visão que nos faz atentar a novas percepções sobre a relação das reestruturações político-econômicas e a ‘velha república’. Nesse sentido, é possível dizer que o caminhar do Brasil rumo a tempos marcados pelo avanço tecnológico, e em decorrência das práticas industriais, fizeram com que sentimentos de angústia e sensação de desprezo fossem sentidas pelos ‘filhos da velha república’. Grupo onde o autor menciona que Gilberto Freyre tem suas raízes.

Conforme expõe Mota (1994), Gilberto Freyre pôde vivenciar um período em que era possível ver as raízes oligárquicas e, conseqüentemente, a estrutura da família patriarcal, cedendo lugar aos avanços desenvolvimentistas na área industrial sulista, principalmente. Assim, levando em consideração essa ótica, pode-se notar que há uma preocupação com a tradição e importância da estrutura familiar patriarcal na escrita de Freyre. Carregada de tantos elogios não se pode negar o fato de que *Casa Grande & Senzala* (1963) nos apresenta no decorrer de suas páginas uma interessante forma de ver a História do Brasil levando em consideração o relacionamento entre *português, índios e escravos*. Algo que fica bem nítido logo nas páginas iniciais da obra. Gilberto Freyre (1963) torna ‘calma’ as relações, quando não, ao menos toleráveis do ponto de vista do momento da ação. Imbuída de uma roupagem bonita do passado, ou ao menos justificável, pode-se perceber que, *Casa Grande & Senzala* permite o leitor reviver, ou diferentemente ‘rememorar’ um período da história nacional que aos olhos de um grupo estava se perdendo no decurso dos tempos. Nesse ponto, uma passagem de Mota (1994) aparece de forma precisa:

Obras como *Casa Grande & Senzala*, produzida por um filho da República Velha, indicam os esforços de compreensão da realidade brasileira realizados por uma elite aristocratizante que vinha perdendo poder. À perda de força social e política corresponde uma revisão, à busca do tempo perdido. Uma volta às raízes. (MOTA, 1994, p. 58).

Portanto, segundo o autor, é possível encontrar um Gilberto Freyre que, percebendo a conjuntura social do Brasil nos anos de 1930, entendeu as conseqüências das tendências *modernizadoras*, que estavam em marcha no Brasil, que eram, em sua visão, contrárias as práticas e/ou conjuntura propiciada pelo patriarcalismo. Num trecho contido no prefácio

de *Casa Grande & Senzala*, será possível perceber, mesmo que de forma turva, sua apreensão com o determinado momento de sua produção. Como defesa Gilberto Freyre diz que:

O sistema patriarcal de colonização portuguesa do Brasil, representado pela casa-grande, foi um sistema de plástica contemporização entre as duas tendências. Ao mesmo tempo que exprimiu uma imposição imperialista da raça adiantada à atrasada, uma imposição de formas européias (já modificadas pela experiência asiática e africana do colonizador) ao meio tropical, representou uma contemporização com as novas condições de vida e de ambiente. (FREYRE, 1963, p. 9-10).

Conforme notamos, a nosso ver, fica subentendido que o autor, como um homem de seu tempo, traz em suas escritas o sistema patriarcal como o fator que possibilitou demais ações, uma vez que ele tendo uma ação plástica pode se moldar e se adequar das demandas que as ‘novas terras’ careciam. Sobre esse mesmo recorte, é notável que ele não nega o processo de imposição de uma cultura sobre a outra, mas que isso foi a opção, se se levar em conta as condições do período. No decorrer do texto é possível notar que estamos atentando a uma visão que paira sobre a idéia da crise do sistema patriarcal ao passo em que há uma atenção maior sobre o desenvolvimento industrial. Portanto, mediante a tal crise é importante compreender como Freyre enxergava o sistema patriarcal. Segundo observamos em Barbato (2010),

Sobre o patriarcado, Freyre considerava esse elemento como um dos principais formadores da sociedade brasileira, pois, em sua concepção, foi em torno da família patriarcal que o Brasil nasceu e se rotinizou como sociedade. A família patriarcal, típica do Nordeste açucareiro, mas que Freyre estende a todo o Brasil, para o autor, transbordava os laços sanguíneos e desaguava em um núcleo familiar rodeado por uma extensa gama de sujeitos sociais, como os escravos, os bastardos, os afilhados, os capelães, os criados. (BARBATO, 2010, p. 60)

Levando em consideração o que diz Freyre (1963), mencionado anteriormente, acompanhado de essa breve ponderação de Barbato (2010), pode-se dizer que o autor, Freyre, se sente como um sujeito que assiste de camarote o fim de seu tempo com grande angústia e amargura. Dessa forma as argumentações de Gilberto Freyre mantêm órbita à perspectiva social do grupo de onde surgiu. A tendência seja que ele ‘defenda’ o ideal de vida e grupo, a organização sociocultural encontrada em seu tempo. Uma vez que, “Em *Casa-grande & senzala* temos a família patriarcal em toda sua vitalidade, ela vive seu

apogeu. Cabia a ela a esfera de domínio social, religiosa, econômica e política. [...] Segundo Freyre, era com certeza a instituição mais importante do Brasil colonial” (BARBATO, 2010, p. 61).

Sobre essa visão que nos é exposta por Freyre (1963) de *um passado* ‘ousado e heroico’ que modificou e condicionou os rumos do desenvolvimento social, econômico e cultural brasileiro, pode-se ainda, observar que sua atitude se baseia em uma espécie de busca e estabelecimento de uma memória de um grupo que aos poucos ‘perdiam espaço’ na sociedade. Nesse sentido, *Casa Grande & Senzala*, além de uma obra revolucionária, foi o esforço de compreensão bem como justificação de um ‘filho da velha república’ sobre um período da história do Brasil onde a miscigenação, a seu olhar, foi um fator primordial para a organização dessa nova terra e, logicamente, organizada pela estrutura estabelecida pelo patriarcalismo após a colonização portuguesa nas novas terras.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARBATO, Luis Fernando Tosta. **Da casa-grande ao mucambo: Gilberto Freyre e as origens do caráter nacional brasileiro.** Revista de História, 2, 1 (2010), p. 56-66.
- CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (orgs.). **Domínios da história: ensaios de teoria e metodologia.** Rio de Janeiro: Campus, 1997.
- CARDOSO, Fernando Henrique. **Pensadores que inventaram o Brasil.** São Paulo: Companhia das Letras, 2013.
- COSTA, Emília Viotti da. **Da monarquia à república: momentos decisivos.** São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1999.
- FAUSTO, Boris. **História Concisa do Brasil.** São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2014.
- FREYRE, Gilberto. **Casa Grande & Senzala.** 13<sup>a</sup> ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1963.
- FURTADO, Celso. **Formação Econômica do Brasil.** 28<sup>a</sup> ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1998.
- HOBSBAWM, Eric. **Era dos Extremos: O Breve século XX: 1914-1991.** Tradução de Marcos Santarrita. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- MOTA, Carlos Guilherme. **Ideologia da Cultura Brasileira 1933 – 1974.** 8<sup>a</sup> ed. São Paulo: Editora Ática, 1994.



REIS, José Carlos. **As Identidades do Brasil 1: De Varnhagen a FHC**. 9<sup>a</sup> ed. amp.  
Rio de Janeiro: Editora FGV, 2007.